

O nome da língua...

Um modo de fazer...

Amanda Eloina Scherer^a

Resumo

Temos problematizado, já faz um certo tempo, dois eixos de pesquisa que se manifestam em um entremeio teórico e de objeto, a saber, a compreensão do processo de disciplinarização de um conteúdo científico no fazer acadêmico, pedagógico e - ou escolar e, o outro, a relação (in)suspeita do sujeito e da língua pelo viés da historicidade e da ideologia. O presente artigo tem por objetivo, portanto, apresentar as reflexões decorrentes da relação entre esses dois eixos as quais serão construídas em cinco pontos. No que lhes concerne, eles darão sustentação ao movimento discursivo que estamos empreendendo na atualidade sobre a língua e o nome dado a ela no entrelaçamento em uma rede de memória, proporcionando uma paisagem mais figurativa do que a habitual.

Palavras-chave: língua, nome, memória, história.

Recebido em: 07/03/2019

Aceito em: 13/03/2019

^aProfessora de Linguística no Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria.. E-mail: amanda.scherer@gmail.com.

*Por um nome dentro de uma pedra não faz sentido,
pois ela já tem este nome, pedra.*

(RAMOS, 2011, p. 11)

*Escrever é transformar em palavras esse olhar para dentro, estudar
o mundo para o qual a pessoa se transporta quando se recolhe em
si mesma – com paciência, obstinação e alegria.*

(PAMUK, 2007, p. 13)

Por uma direção de pesquisa

Temos problematizado, já faz um certo tempo, dois eixos de pesquisa que se manifestam em um entremeio teórico e de objeto, a saber, a compreensão do processo de disciplinarização de um conteúdo científico no fazer acadêmico, pedagógico e - ou escolar e, o outro, a relação (in)suspeita do sujeito e da língua, pelo viés da historicidade e da ideologia. No primeiro eixo, procuramos entender como um conteúdo da ciência – mais precisamente da ciência Linguística – se disciplinariza, quer dizer, como tal conteúdo se torna matéria a ensinar (matéria aqui no sentido dado por Savatovsky, 1995). Assim sendo, como algo do ponto de vista científico se disciplinariza a partir de uma certa divulgação e circulação do científico para instar-se como um conteúdo de saber acadêmico, pedagógico e ou escolar (SCHERER, 2012). Uma dessas problematizações diz respeito à história da História da Linguística e sua constituição naquilo que se formula e se considera, de modo habitual, como universal. Seria possível uma história universal da ciência Linguística? O que procuramos entender, a título de exemplo, são as formulações discursivas que marcam um certo recorte histórico (e epistemológico) ao construir uma narrativa para a história do disciplinar da Linguística e da língua, em especial, no contexto brasileiro. Em outros termos, como construímos tal narrativa, sob a égide de quais formulações?

Como sabemos, em nosso território, a divulgação e a circulação da história da Linguística é quase sempre contada em um movimento com um antes e um depois e, nesse movimento, o marco divisor de águas é Ferdinand de Saussure e a publicação do Curso de Linguística Geral; já o dado temporal, por consequência, será o início do século XX. No tocante ao antes desta história, veremos o aparecimento repetido da nomeação: “Antiguidade”. Interessante de se perguntar sobre a dimensão espaço-temporal da nomeação para descrever tal

período. Já em relação ao depois de Saussure, quase sempre, será o Estruturalismo e quase junto a este: o marco divisor será, de novo, um autor, Noam Chomsky. O que temos apresentado sobre tal narrativa se refere a um conjunto de questões que melhor conduziriam, a nosso ver, as discussões que temos proposto (SCHERER, 2016). Vejamos algumas delas: 1) Por que os dois autores? 2) Ou, ainda, por que os dois autores entre uma escola ou uma corrente? 3) E por quais razões os dois autores e a corrente e - ou escola em questão? Como podemos ver, interessamo-nos desse modo, em compreender a política colocada em prática na história da ciência Linguística, ou melhor, o que está em jogo e aí envolvido, o gesto interpretativo que silencia uns e destaca outros. Em suma, qual política de divulgação e circulação alicerça a historicidade aí posta?

No tocante ao segundo eixo, a relação (in)suspeita do sujeito e da língua, o que gostaríamos de destacar de nossas reflexões é a relação imbricada entre sujeito e língua –sempre a partir da perspectiva discursiva pècheutiana. E trazemos apenas duas de nossas rumações teóricas e de forma muito resumida: a) como sujeito e língua estão imbricados, construídos e constituídos ideologicamente que, do nosso ponto de vista teórico, seria impossível separá-los; e b) em tal caso, o que falar quer dizer, não só do ponto de vista pragmático, mas na instância própria do revelar-se para desvelar-se,¹ isto é, como nós nos revelamos e desvelamos falando, escrevendo, agindo sobre o mundo, constituindo história? Podemos citar o nosso caso, somos e temos uma língua marcadamente identificatória de uma certa região do Brasil – para os brasileiros –, contudo, para os portugueses, por exemplo, uma língua estranha, avessa, gozada, torta, dependendo da rede de significações de cada sujeito português envolvido nesta alteridade.

A relação entre os dois eixos tem contribuído, de forma muito produtiva, no desenvolvimento de nossas pesquisas e tem nos auxiliado a avançar na reflexão sobre a importância de entender de que maneira o que é produzido, cientificamente, por linguistas está afetado, de um lado, pelo lugar ocupado por eles e, de outro, pelo que seja científico na relação teoria e prática e, em consequência, pelo seu imaginário e sua representação sobre a língua. Vamos apresentar alguns movimentos de rumações a que temos ponderado em nossos estudos para refletirmos, discursivamente, sobre a língua e sua relação de força na constituição do sujeito.

¹ No sentido psicanalítico.

Alguns pontos no movimento de ruminação teórica sobre a língua... sob o efeito do nome

São cinco os pontos que sustentarão o nosso movimento. Cada um deles está tomado pela ordem da ideologia, pois, por ela, é naturalizado o que é produzido pela história, sendo assim,

“há transposição de certas formas materiais em outras. Há simulação (e não ocultação de conteúdo) em que são construídas transparências (como se a linguagem não tivesse sua materialidade, sua opacidade) para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem como evidências empíricas” (ORLANDI, 1994, p.56).

Os pontos encaminhados estão entrelaçados em uma rede de memória que pode proporcionar uma paisagem por demais figurativa, mas que faz parte do entendimento do que estamos tecendo e procurando definir na atualidade e o que temos produzido sobre a problemática relação entre língua e sujeito. Construímos, por um efeito metafórico, boa parte de nossos argumentos. Acreditamos, que eles podem ajudar auscultar na compreensão do que estamos desenvolvendo.

1.

Em um movimento inicial, gostaríamos de içar aqui a problemática do nome, de dar nome à língua que falamos e àquela que o(s) outro(s) fala(m). Quando estamos em Portugal, falamos português. No entanto, falamos o português **do Brasil**.² A toda identificação e ou contraidentificação com a língua não paramos de acrescentar, no sentido de designar, pormenorizando, para tentar encontrar aquele ponto fixo que comentaremos em seguida, aquele ponto zero à procura da língua perfeita. As designações acrescidas à língua que falamos não estão ligadas unicamente ao espaço de enunciação, mas também ao gesto de nos colocarmos na língua e de como nos relacionamos com ela e com a sua nomeação. Uma espécie de nomeação atrelada às designações que parecem vir em decorrência dela. Como sabemos, o nome é uma das primeiras formas de tentar estabilizar, de tentar fixar, de tentar individualizar um acontecimento histórico e, por que não, enunciativo e discursivo. Em uma reversibilidade extrema e, ao mesmo tempo, inseparável do sujeito pela língua que

²Destacado por nós.

fala, esse acontecimento histórico do nome da língua está, por sua vez, inseparável da discursividade do referente, pois a história é inseparável de sua constituição enunciativa e discursiva. A língua, para significar, inscreve-se na história, na história do sujeito na, com, pela língua, na constituição (enunciativa e discursiva) de um real que nos ampara e nos assegura, imaginariamente. Um real colado, fincado, cravado, inarredável na textualidade do político da política de línguas com que aprendemos a viver historicamente.

2.

Um segundo movimento, a língua como morada. Robin (2003, p. 9) nos questiona se seria possível *avoir une langue à soi comme on a une chambre à soi*?³ Para nós, a língua é nossa morada. Nós diríamos uma morada em uma espécie de Minotauro à la Borges (1984). Para o mito do Minotauro, Borges parte da ideia de uma casa fabricada para que o morador possa se perder, pois, ao mesmo tempo que ela é sua, é impossível dominá-la na sua totalidade. E o homem conseguirá, entrelaçado pela cabeça de touro, na figura inventada pelo escritor, ajudar-se, completar-se, para poder viver nela. O homem e o touro, desse modo, dão forma a um possível real em uma morada labiríntica encarnada pelo Minotauro. Por menor ou maior que nossa casa possa ser, para Borges (1984), ela será sempre labiríntica, dado que demos voltas, cercamos, estancamos, criamos limites (quase sempre imaginários) fazendo com que nós, moradores, ao mesmo tempo nos percamos e encontremos nela. Uma morada da e na língua, uma *lalangue*, no dizer de Milner (1978), a língua minha e já do outro. O meu lugar na língua, aquela engasgada pelo una, única e indivisível, mas não só, aquela do manto de Arlequim que nos recobre com o seu colorido composto por tecidos, os mais diversos, de variados tempos e lugares. Para nós, o Minotauro é o limite, pois é exatamente nesse terreno, nessa morada, nessa fronteira, que cada um compõe a sua língua. Poderíamos, inclusive, afirmar que cada um inventa o seu Minotauro linguístico, aquele que lhe apraz, mas que cada um o tece na teia das relações com o outro, também o seu Minotauro discursivo que o constitui enquanto sujeito de linguagem em sociedade.

3.

Problematizar a relação discursiva do sujeito e da língua, em nosso entender, tem muito que ver, em um terceiro

³ Tradução nossa: ter uma língua para si como se tem um quarto nosso.

movimento, com uma das metáforas proposta por Robin (2003), cujo título de uma de suas publicações resume, de forma contundente, a direção que gostaríamos de dar para nossa ruminação: o luto na e da língua pelo mito de origem. Nós diríamos, como uma espécie de um nó proustiano em *à la recherche du temps perdu*,⁴ na direção de uma causa perdida, de um afeto, de uma dor, de um sintoma no dizer de Lacan (1998a), isto é, em sua função e em seu campo de fala e de linguagem. Sabemos com Lacan (1998a) que o sintoma aponta para outro sentido, pois é um significante em relação a um outro significante: “do mais simples ao mais complexo dos sintomas, a função significante revela-se preponderante, por surtir efeito neles já no nível do trocadilho” (LACAN, 1998b, p. 448). É um trabalho do sujeito para dar conta de um real possível. Em vista disso, o sintoma não é uma palavra, uma metáfora na qual a significação é a função do significante, é, isto sim, uma função da letra, que não é um significante. A obra de Robin (2003), que assinalávamos antes, ainda inédita em nosso país, é intitulada *Le deuil de l'origine - Une langue en trop, la langue en moins*.⁵ A autora vai nos dar a ver, em suas quase 240 páginas, como estamos desde sempre nesse luto constante à procura da compreensão de uma língua que está a todo o momento na borda, perto de um limite, lá onde estremece e balança o nosso viver entre línguas. Borda essa em direção a um real que resiste a qualquer significação e que o sujeito, mesmo por um fio, custa a reconhecer. O fio da cadeia significante do como nos ordenamos como humanos que somos pela língua; além do que essa borda faz compreender o que somos e o como nos constituímos enquanto sujeito, em uma espécie de miragem, à procura de um mito de uma identidade possível - una e indivisível. Portanto, aquela miragem que nos faz identificar-nos a y, x, z ou resistirmos a y, z, x, que, no dizer de Lacan” é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (LACAN, 1998a, p. 277). Por isso, essa procura incessante da palavra para determinar uma origem, um ponto fixo, uma região de significação em nosso ilusório real. Aquele real da língua, real da história, real do inconsciente no ensinamento de Pêcheux (1981). Uma procura que não para, não cessa, não cura e que nos consome! Aquele impossível de ser simbolizado e que não cessa de não se inscrever. Uma língua em excesso... uma língua em menos *à être toujours au-delà ou en deçà, jamais*

⁴ À procura do tempo perdido. Título da obra de Marcel Proust.

⁵ Tradução nossa: O luto da origem - Uma língua em excesso, uma língua em menos.

*sur le trait, sur la lettre, en écart, contre, à côté de la plaque, à côté de ses pompes*⁶ (ROBIN, 2003, p. 9). Em síntese, nosso pertencimento identificatório de um luto à procura de uma origem, origem da língua, a língua de origem... a língua mãe, e mais que uma língua materna, uma língua natal, uma língua familiar (ROBIN, 2003).

4.

Em nosso quarto movimento, esse homem entrelaçado pela cabeça de touro será um Minotauro melancólico, em uma espécie de melancolia discursiva, esse estado emocional semelhante ao processo de luto, como já nos referimos anteriormente pela metáfora da Robin (2003), mas aqui não há a perda que o caracteriza. Há sim a falta, a falta que a língua nos faz, a falta que aprendemos a sofrer sem muito bem saber as razões, a falta no aprender a língua, acreditando ser ela uma totalidade inerente, sem saber que ela é, ao jogo da língua e da linguagem, um dizer da falta. A falta a alçar à língua perfeita, à língua totalizante, homogênea, como temos apresentado na questão sobre a língua universal ou ainda sobre a língua internacional (muito defendida, nos tempos mais atuais, nas políticas linguísticas das agências de fomento). Uma melancolia de um todo que nunca chegaremos, uma melancolia de algo que não sabemos e que seria importante conhecermos para podermos, enfim, encontrar o nosso começo. São muitos os enunciados que escutamos em nosso dia a dia à procura da língua perfeita. Eles vão desde a negação à identificação à língua, até ao imaginário de que um dia conseguiremos alçar a bandeira de uma língua una e indivisível. Contudo, essa melancolia discursiva, por sua vez, vive a condição de uma autoria canibal que, insatisfeita pela procura, acaba quase que devorando o nosso eu, o eu de uma experiência histórica, tentando – ilusoriamente – ser outra, sempre à procura da língua perfeita. Aliás, um dos temas que também nos tem instigado, por exemplo, é a definição de bilinguismo, comumente disponível em instrumentos linguísticos de divulgação. O que é ser bilíngue na perspectiva que estamos apresentando? Seria possível nos comunicar em duas ou mais línguas da mesma maneira? Ao mesmo tempo, no mesmo simbólico? Estaríamos aí no fio do discurso de uma experiência canibal?

5.

E, em último movimento, gostaríamos de propor a problemática trazida por Gómez Mango (2009), aquela do *muet dans la langue*.⁷

⁶ Tradução nossa: Estar sempre além ou abaixo de tudo, jamais sobre o traço, sobre a letras, afastado, contra, fora da realidade, sem refletir.

⁷ Tradução nossa: Mudo na língua.

Para ele, o poeta é o mudo da língua que faz dela a sua morada e que a faz falar. Para o autor, o poeta combate com as palavras, e seu desejo é o de apreender o inatingível, aquela metáfora a qual a linguagem não consegue alcançar, mas que nos esforçamos obstinadamente para dizer. Foi com o que tentamos brindar você, caro leitor, com a epígrafe de Nuno Ramos (2011). Na verdade sabemos que, ao nosso redor, o que temos é uma espécie de mudez das coisas, que parece nada revelar se não tiverem um nome, se não tiverem uma história, uma vez que o que nos prende à língua, enquanto sujeito de linguagem, não é nomenclatura do nome da língua em si, do nome dos elementos gramaticais, mas o próprio de um certo envolvimento com e na língua. Para nós, ao nomear a língua, estamos designando-nos, identificando-nos e esse processo depende também e, sobretudo, do conhecimento sobre a língua. Um nome depende não só de um argumentário gramatical que nos traz à memória uma ilusão de objetividade da “ciência” e ou da “arte”, mas ele, o nome, depende de uma conjuntura histórica e política muito maior (ORLANDI, 2002). Fazer falar o mudo na língua é nosso maior desafio para podermos entender o nome da língua. Essa procura de um saber totalizante, ao nosso ver, se relaciona com o fato que o objeto da linguística se situa neste entremeio: de um lado um saber consciente que ignora os procedimentos e, de outro, aquele saber inconsciente que lhe torna possível, que forma e informa o sujeito a partir da língua (ORLANDI, 2002). Não esqueçamos, a língua é incompleta também no nome.

À guisa de conclusão

Portanto, dar nome à língua é uma questão de político e não só de política, é uma questão de identidade e muito mais, é uma questão de identificação, é uma questão de memória e de inconsciente. É muito mais que um simples quarto para dormir, é uma morada com os seus segredos e seus esconderijos. Refletir sobre o nome da língua é levar em conta a história do saber produzido sobre ela, é conhecer sua história e sua prática de funcionamento. É também entender as injunções da conjuntura política, no e pelo social, é apreender de um certo ponto a constituição do sujeito falando, porque o português do Brasil e o português de Portugal não são apenas e meramente um fenômeno de contextualização (ORLANDI, 2002), não são apenas um efeito pragmático do diferente daqui e de lá, eles são, na prática política, uma historicização singular, efeito de

instauração de um espaço-tempo particular, isto é, o próprio do simbólico em funcionamento. Espaço-tempo estruturado (ORLANDI, 2002) pelo sujeito e pelos objetos que o ocupam a partir de uma composição nada, nada simples, uma composição discursiva ideológica própria a uma história do sujeito na língua, pois, em cada língua, nomeamos o sensível de maneira específica e as palavras nos permitem uma relação particular com a língua, sensual, quase carnal com o que é nomeado. A título de exemplo, as palavras “trem” e “comboio”, não se encontram nas mesmas condições de produção e nem têm a mesma história, ou seja, não estão no mesmo tempo e espaço. “Trem” tem uma história particular no Brasil e ela não é a mesma de “comboio”, em Portugal. As duas designam um meio de transporte, certo, mas, na ordem do simbólico, elas não têm o mesmo efeito nem aqui e nem lá, pois as duas não têm, de fato, a mesma aparência, comportando-se, talvez “como um camaleão que, por exacerbação de seu conceito, tivesse uma única aparência (provavelmente a do próprio camaleão)” (RAMOS, 2011, p. 67). As duas palavras nos enganam por terem algo em comum, como já dissemos, o transporte. Elas não transportam, na sua aparência enganadora, a mesma história, a história da palavra, a história da língua, a história do sujeito. Para circunscrever nossas rumações do momento, deixamos um dizer de Pamuk (2007) que polariza, de forma poética, o lugar do linguista na contemporaneidade:

“Enquanto passo os dias, os meses, os anos sentados à minha mesa, acrescentando pouco a pouco novas palavras à página em branco, sinto-me como se criasse um mundo novo, como se trouxesse à vida aquela outra pessoa que existe dentro de mim da mesma forma como alguém poderia construir uma ponte ou uma abóbada, pedra por pedra. As pedras que usamos, nós os escritores (**nós diríamos: nós linguistas**), são as palavras” (PAMUK, 2007, p. 14, grifos nossos).

REFERÊNCIAS

- BORGES. J. L. *Manual de Zoología Fantástica*. 2.ed. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, S. A., 1984.
- GÓMEZ MANGO, E. *Un muet dans la langue*. Paris: Ed. Gallimard, 2009.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos* (V Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 238-324.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos* (V Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 496-590.

MILNER, J-C. *L'amour de la langue*. Paris: Aux Editions du Seuil, 1978.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília – DF, n. 61, 1994. p. 52-59.

ORLANDI, E.P. *Língua e Conhecimento Linguísticos*. Para Uma História das Ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PAMUK, O. *A malaleta do meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PECHEUX, M. Ouverture du colloque. In : *Matérialité Discursives*. Presses Universitaires de Lille : Lille, 1981. p. 15-18.

RAMOS, N. *Cujo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

ROBIN, R. *Le deuil de l'origine: une langue en trop, une langue en moins*. Paris: Ed.Kimé, 2003.

SAVATOVSKY, D. Le français, matière ou discipline ? *Langages*, 29^e année, n°120, 1995. Les savoirs de la langue : histoire et disciplinarité. p. 52-77. Disponível em: www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_120_1731. Acesso em 7 mar. 2019.

SCHERER, A. E. À procura da língua universal: entre a memória e a história. In : *história das Ideias – diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2012. p. 157-174.

_____. Estrutura-sistema: eis uma questão para os estudos linguísticos do ponto de vista da história da Linguística. In : *A palavra de Saussure*. ABRAHÃO SOUZA, L.; NAGEM, G.; BALDINI, L. (Org.). Pedro e João Editores : São Carlos, 2016. p. 93-132.

Abstract

The name of the language... A way of doing...

We have been problematizing, for some time, two lines of research that are manifested in a theoretical and object intersection: first, the understanding of the process of disciplining a scientific content in the academic, pedagogical and/or scholastic work, and the other, the (in) suspect relation of the subject and the language, by the bias of historicity and ideology. The purpose of this paper is to present the observations from the relationship between these two branches, which will be constructed in five points. As far as they are concerned, they will support the discursive movement that we are currently using over language and the name given to it in the tangling in the memory's net, providing a more figurative landscape than usual.

Keywords: *language, name, memory, history.*